

José Emilio Yanes García (Coord.)

Catálogo de razas autóctonas
de Castilla y León (España)
- Región Norte de Portugal

I. Especies bovina y equina

*Catálogo de raças autóctones
de Castela e Leão (Espanha)
- Região Norte de Portugal
I. Espécies bovina e equina*



JOSÉ EMILIO YANES GARCÍA (Coord.)

CATÁLOGO DE RAZAS AUTÓCTONAS
DE CASTILLA Y LEÓN (ESPAÑA) –
REGIÓN NORTE DE PORTUGAL

I. ESPECIES BOVINA Y EQUINA

CATÁLOGO DE RAÇAS AUTÓCTONES
DE CASTELA E LEÃO (ESPANHA) –
REGIÃO NORTE DE PORTUGAL

I. ESPÉCIES BOVINA E EQUINA

© De la presente edición: FUNDACIÓN REI AFONSO HENRIQUES

Portada:

Sayaguesas y garranos

José Emilio Yanes García

E-mail: columba@colvet.es

ISBN: 84-89981-14-0

Depósito legal: S. 960-2000

Imprime:

Gráficas VARONA

Polígono «El Monatalvo», parcela, 49

Teléf. 923 19 00 36. Fax 923 19 00 27

37008 Salamanca

Mirandesa

São vários os autores que se referem ao isolamento do Planalto Mirandês em relação ao resto do país durante mais de um século. Face a este isolamento, as relações sócio económicas desenvolviam-se preferencialmente com a província espanhola de Castela Leão. Os habitantes desta região falavam uma língua diferente, o Mirandês, recentemente reconhecida como a segunda língua oficial portuguesa. Sendo o Planalto Mirandês uma região predominantemente agrícola onde a cerealicultura, a par da criação de gado bovino e ovino sempre desempenharam um papel preponderante, facilmente se compreende que se viesse a diferenciar uma raça, com base nas população de bovinos que existiam dum e do outro lado da fronteira. Possuindo as explorações um pequeno número de vacas, foi importante para os criadores a beleza morfológica dos bovinos que exploravam. Ainda hoje os criadores de bovinos de raça Mirandesa valorizam com especial importância quatro características essenciais nesta raça: a forma e cor da cabeça, a cor da pelagem, o desenvolvimento e harmonia das formas e por fim, mas não menos importante, a robustez dos membros e os aprumos.

Até à década de sessenta os agricultores desta região, orientaram a selecção da raça Mirandesa para a aptidão tracção animal, tendo alcançado grande sucesso e conseguindo expandir-se por quase todas as províncias de Portugal continental. Na Segunda metade deste século esta raça entrou em declínio, por força da mecanização agrícola e pela exploração de raças precoces, especializadas na produção de carne.

Actualmente, é uma raça classificada em vias de extinção, contudo, face ao seu grande porte e potencial genético, quer criadores quer a organização que é responsável pela gestão do LG, estão confiantes de que conseguirá ultrapassar as dificuldades que enfrenta e ocupar um lugar de destaque na bovinicultura portuguesa.

ORIGEM E HISTÓRIA

A origem da raça e as suas relações étnicas e filogénicas não estão completamente esclarecidas. Há quem considere a raça mirandesa descendente da raça fusca do planalto superior castelhano (TIERNO, 1904), fazendo parte do tronco ibérico de um conjunto de raças europeias que abrangeria um conjunto de raças afins de Portugal e Espanha mas também de França e Itália (VALLE, 1907). O representante fóssil desta seria o *Bos taurus primigenius*, parentesco que não é partilhado por LIMA PEREIRA (1976) que considera a população de bovinos mirandeses «um núcleo fortemente heterogéneo quanto à sua origem por resultar do cruzamento do tronco *Bos taurus brachyceros* com o tronco *Bos taurus primigenius*, podendo ainda hoje verificar-se esta diversidade feno-genotípica».



A raça mirandesa é classificada como raça braquicefala, eumétrica, de perfil recto na frente e côncavo no chanfro. Vários autores consideram nesta raça duas sub-raças: uma designada bragancesa e outra beiroa. Esta última subdividindo-se em serrana, campo, marinhoa, malcatenha e jarmelista, como resultado da adaptação ao meio e ao melhoramento feito pelos agricultores, para através de cruzamentos com outras raças melhorar a sua capacidade produtiva em outras funções além do trabalho. Esta hipótese é contestada por outros autores que não consideram a raça jarmelista descendente da raça mirandesa.

Desde 1865 que se realizam concursos pecuários da raça, que passaram a ser apoiados pelo governo com base no Decreto lei n.º 119 de 26 de Maio. O RZ nos bovinos de raça Mirandesa iniciou-se em 1913 abrangendo os animais desta raça que eram explorados nas aldeias vizinhas ao Posto Zootécnico de Miranda do Douro. Em 1959 a Portaria n.º 17132 de 22 de Abril instituiu o Livro Genealógico dos bovinos de raça Mirandesa em conformidade com o Decreto n.º 41109 de 14 de Maio de 1957, que regulamenta os serviços de reprodução animal e registo genealógico e contrastes.

DESCRIÇÃO

De acordo com vários autores as principais características morfológicas são as seguintes:

Cabeça: nuca larga, levantada e proeminente. Pupa notavelmente espessa e comprida, recobrimdo a base dos paus e sempre de cor ruiva. Chifres brancos com extremos afus-

cados, delgados de pequena envergadura, acabados e de pontas reviradas para cima e para fora, ficando estas em nível pouco superior ao topete. Orelhas revestidas no interior com compridos e abundantes pêlos ruivos. Fonte sub-côncava; olhos aflorados. Cabeça de olhos abaixo, breve, larga e seca; cana do nariz direita e focinho muito curto, negro e superiormente marginado por uma larga orla de pêlos sempre brancos.

Pescoço: curto, grosso com barbela que, pelo menos nos touros, se insere logo sob o beigo inferior e vem até aos joelhos, entre os quais pende.

Tronco: costado redondo. Cernelha baixa. Espinhaço direito, com risca ruiva ou esbranquiçada. Garupa abaulada. Cauda levantada, curta e bem fornecida.

Sistema mamário: bem inserido e desenvolvido, com tetos bem implantados de dimensão média. A produção de leite excede frequentemente a capacidade de ingestão dos vitelos durante o primeiro mês de vida mas estes esgotam-na nos meses seguintes até ao desmame.

Extremidades e aprumos: membros curtos e delgados abaixo do joelho e curvilhão; os posteriores direitos e os anteriores com joelhos desviados para dentro. Coxa convexa.

Cor: castanha retinta no touro, castanha mais ou menos escura, com tendência centrífuga dos aglomerados pigmentados, nos bois e vacas.

Formato: são animais harmoniosos, com temperamento vivo mas docil, de tamanho grande e formato compacto, do tipo respiratório (predomínio do perímetro torácico em detrimento do perímetro abdominal).



A este propósito «o ganadero de Miranda considera que cria pura, bem raçada, deve ter os seguintes sinais que vão descritos com os dizeres pitorescos e os expressivos por ellos empregados»:

«Três coisas pequenas: cabeça, testa e agulha;
Três coisas grandes: melencira, pelindregues e estriga do rabo;
Três coisas curtas: focinho, pescoço e perna;
Três coisas largas: tromba nuca e nalgas;
Três coisas direitas: Espinhaço, cana do nariz e perna.

E ainda:

Olhos de sapo	Cornos delgados
Focinho à perdigueira	Côr castanha escura
Pés de banco	Garupa redonda
Cú de padeira	Martelada entre a olhadura»

(Tierno, 1904: 17)

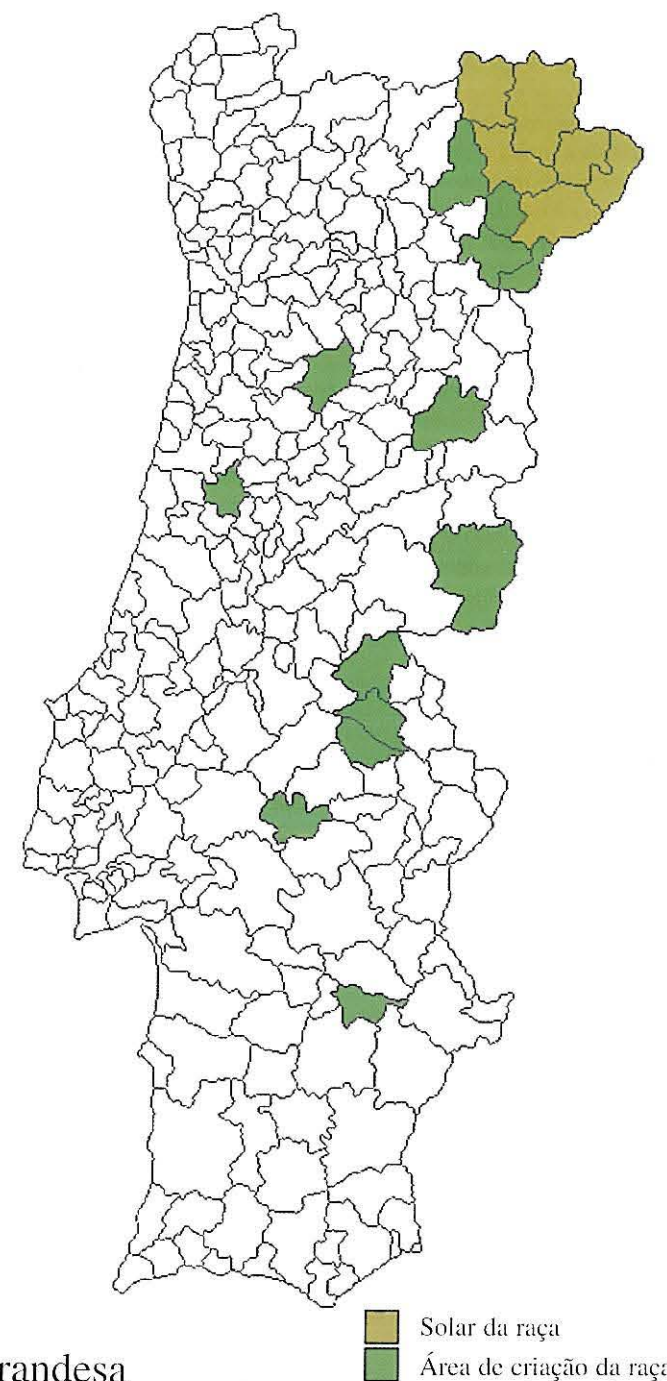
<i>Medidas biométricas</i>	<i>Vacas</i>	<i>Touros</i>
Altura ao garrote	130,20 cm.	140,00 cm.
Altura a meio do dorso	125,50	136,00
Altura no início da garupa	132,30	139,10
Altura do peito	70,58	85,43
Comprimento escápulo-isquial	175,10	188,70
Comprimento da garupa	50,77	63,71
Comprimento do tronco	141,23	178,70
Largura do peito	37,27	57,71
Largura bi-ilíaca	51,21	59,79
Largura bi-isquiática	21,03	20,79
Perímetro torácico	206,76	236,00
Perímetro da canela	20,74	26,93
Peso vivo	630 kg.	1.024 kg.

Algumas mensurações em animais adultos de raça Mirandesa.

ÁREA GEOGRÁFICA

O berço ou centro de irradiação coincide com a área etnográfica em que se fala a língua mirandesa, correspondendo pouco mais ou menos ao actual concelho de Miranda do Douro. Daí irradiou para os vizinhos concelhos de Vimioso, Mogadouro, Bragança, Vinhais e Macedo de Cavaleiros, que passaram a integrar o solar da raça.

O Planalto Mirandês insere-se numa região agro-ecológica mais vasta designada por Terra Fria. Diferencia-se a sua paisagem consoante nos situamos nas zonas de precipitação acima dos 800/1000 mm, como no do concelho de Vinhais, ou abaixo dos 600/800 mm, como é o caso do planalto Mirandês. Provavelmente foi esta divisão natural que condicionou o desenvolvimento de dois grandes sistemas de agricultura nos quais, os bovinos da raça mirandesa tiveram papel preponderante.



Nas zonas mais pluviosas dominam os prados permanentes de regadio (concelhos de Bragança e Vinhais) e no Planalto Mirandês prevalecem os lameiros de secadal (concelhos de Vimioso, Miranda do Douro e Mogadouro). Matas de castanheiros e de carvalhos são o elemento característico na compartimentação do espaço nas zonas mais húmidas, enquanto a paisagem das zonas mais secas é mais aberta e imperam as ripícolas, ulmeiros e freixos. Nas zonas de montanha e suas envolventes, um dos factores determinantes na utilização dos espaços é a topografia. Assim, a cerealicultura é baseada no centeio, as encostas são estabilizadas por matas de carvalhos e soutos de castanheiros (nomeadamente na área do Parque Natural de Montesinho) e os lameiros ocupam as linhas de água e zonas colúvionares. Os lameiros podem ser de sequeiro ou *secadal* e de regadio: os primeiros para pasto e feno e os últimos, próximos das povoações e com abundância de água, para erva.

Algumas aldeias desta vasta região ganharam fama como verdadeiros centros de criação da raça mirandesa. Entre outras possíveis razões, tal se deveu a particulares condições agroecológicas que permitiram a existência de boas pastagens naturais. No Planalto Mirandês destacaram-se as aldeias de Ifanes, Póvoa, Genísio, Duas Igrejas, Constantim, Malhadas, Caçarelhos e Vilar Seco. No concelho de Vinhais: as aldeias de Mofreita, Moimenta, Montouto, Paçó, Pinheiro Novo, Santa Cruz, Sobreiró de Baixo, Socira, Travanca, Tuizelo e Vilar de Ossos.

Num passado recente, até à década de setenta, os bovinos de raça mirandesa eram explorados e dominantes em quase todas as províncias do território português excepto o Algarve e o Minho, tendo chegado a ser recensados mais de 200 mil vacas. Actualmente, fora do seu solar, estes animais são explorados por um pequeno número de explorações distribuídas pelos distritos da Guarda, Viseu, Coimbra, Castelo Branco, Évora, Portalegre e Beja. No total estes Distritos integram 103 explorações que possuem 788 vacas.

<i>Distritos/concelhos</i>	<i>N.º Explorações</i>	<i>Efectivos</i>
<i>Solar da raça</i>		
Concelho de Bragança	457	1.598
Concelho de Vinhais	298	1.035
Concelho de Macedo de Cavaleiros	142	442
Concelho de Vimioso	149	805
Concelho de Miranda do Douro	140	764
Concelho de Mogadouro	49	312
<i>FORA DO SOLAR DA RAÇA</i>		
Distrito da Guarda	5	48
Distrito Viseu	51	64
Distrito de Coimbra	41	57
Distrito de Castelo Branco	2	54
Distrito de Évora	2	200
Distrito de Portalegre	2	287
Distrito de Beja	1	78
TOTAL	1.338	5.744

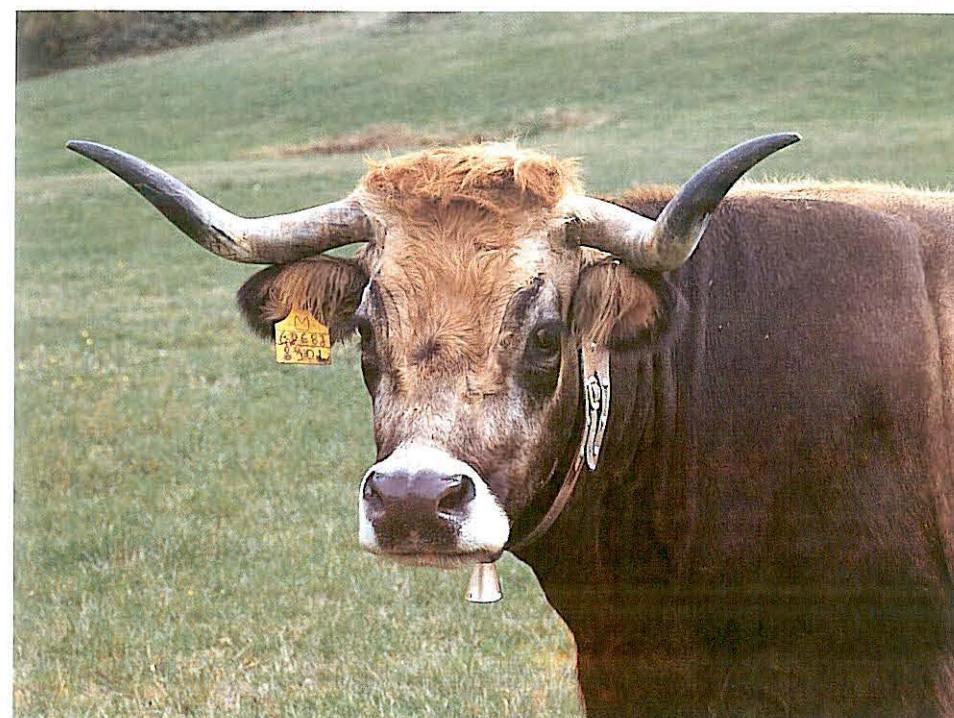
Censo dos bovinos de raça Mirandesa inscritos no L.G no ano de 1999.

O encabeçamento médio no solar da raça é de 4 vacas por exploração e fora do solar é muito variável indo de 1 vaca por exploração nos Distritos de Coimbra e Viseu a 200 vacas numa exploração do Distrito de Portalegre.

SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO

No solar dos bovinos de raça Mirandesa existem dois sistemas de exploração bem distintos. O sistema de exploração «tradicional» praticado pelas explorações que possuem encabeçamentos inferiores às 10 vacas por exploração, e o sistema de exploração extensivo praticado pela maior parte das explorações que possuem mais de 10 vacas. O sistema tradicional é praticado por cerca de 78% das explorações, ainda que existam algumas diferenças qualitativas ao nível das práticas de manejo que se prendem com a utilização ou não de tracção animal, e as condições agro ecológicas da exploração consoante se situem em região de montanha ou no Planalto Mirandês.

As explorações que praticam um sistema de exploração tradicional desenvolvem um sistema de exploração policultural, fortemente dirigido para a satisfação das necessidades do autoconsumo e venda de alguns produtos excedentes. As explorações possuem em média 14 ha tendo como principais produções, além das destinadas ao autoconsumo, a produção de cereais, frutos secos e a pecuária. Os bovinos de raça mirandesa desempenham um papel central nestas explorações, porque constituem para muitas delas a única



fonte de tracção, necessária à preparação das terras e ao transporte de produtos, produzem estrume que se utiliza nas hortas, e muitas vezes constituem a principal fonte de entrada de receitas na exploração.

O sistema de produção dominante dos bovinos de raça Mirandesa, tem por objectivo, a produção de vitelos que são vendidos ao desmame com uma idade aproximada de 7 meses, idade a que tradicionalmente são abatidos para consumo. Os partos das vacas distribuem-se com regularidade ao longo do ano.

As vacas pastoreiam durante todo o ano em pastagens naturais, pernoitando todos os dias em alojamentos tradicionais por baixo da casa de habitação do agricultor. Os vitelos são mantidos no alojamento até à idade de desmame, sendo soltos para mamar de manhã e à tarde. As vacas vão para a pastagem durante quase todo o ano. Nos meses de Janeiro e Fevereiro saem para beber e nos dias sem chuva ou neve pastoreiam uma ou duas horas num dos lameiros próximos da aldeia. No verão, pastoreiam das 6 às 10.30 horas e das 17 às 20.30 horas. A alimentação das vacas assenta na exploração de pastagens naturais, os lameiros, e num conjunto de culturas forrageiras. Estas últimas, cobrem as necessidades alimentares das vacas em épocas de produção insuficiente da pastagem ou quando esta é vedada para feno. Em pormenor, a suplementação alimentar das vacas faz-se no verão à base da milharada, das ferrãs de aveia e centeio na Primavera e Outono e do nabal no Inverno. Durante todo o ano as vacas e restantes bovinos são também suplementados com feno de aveia ou produzido nas pastagens naturais.

No que diz respeito aos vitelos, estes permanecem sempre nas lojas até ao desmame. Após o primeiro mês de vida, os agricultores começam a administrar-lhes feno de lameiro e a partir dos três meses fornecem farinhas à base de cereais produzidos na exploração, em maior ou menor quantidade consoante a mãe seja boa ou má leiteira, podendo consumir cada vitelo, durante a fase de cria, até 100kg de farinha.

No solar da raça só se recriam as fêmeas que as explorações necessitam para a substituição e o processo de selecção destas fêmeas ocorre entre o 1º e 2º parto. Os machos só são recriados pelos agricultores que possuem touro de cobrição e sempre que necessitem de efectuar a substituição do touro que possuem.

A comercialização dos vitelos faz-se normalmente «à porta de casa», sendo vendidos para talhantes da região ou, desde que foi atribuída a DOP à Carne Mirandesa, a maior parte dos produtores constituiu-se em Agrupamento de Produtores de Carne Mirandesa, uma Cooperativa, que comercializa a produção dos seus sócios.

CARACTERÍSTICAS PRODUTIVAS

Os bovinos de raça Mirandesa são rústicos, bem adaptados às condições agro ecológicas do seu solar, têm uma grande capacidade de recuperação e mobilização de reservas corporais conseguindo desta forma manter as suas capacidades reprodutivas e produtivas ao longo do ano, mesmo nas épocas de maior penúria alimentar como são disso exemplo o Verão e o Inverno. As vacas são muito utilizadas pelas pequenas explorações como fonte de tracção animal, sem prejuízo das suas capacidades reprodutivas e produtivas. A principal aptidão desta raça é a produção de vitelos em sistemas de exploração extensivos com partos distribuídos durante todo o ano. Por ser uma raça de elevado porte e peso, comporta-se muito bem em cruzamentos com raças precoces e de maior peso, sem que daí advenham problemas nos partos.



As vacas possuem um excelente instinto e aptidão maternal, sendo muito frequentes os intervalos entre partos inferiores aos 11 meses, com taxas muito baixas na mortalidade dos vitelos. Possuem uma assinalável longevidade produtiva, em média 15 anos, sendo bastante resistentes a doenças, não necessitando por isso de especiais cuidados clínicos.

Em linha pura os pesos vivos a idades tipo são os seguintes:

- Peso ao nascimento:
Machos – 34,434 ± 3,360 Kg.
Fêmeas – 31,025 ± 3,703 Kg.
- Peso aos 210 dias:
Machos – 224 Kg.
Fêmeas – 190 Kg.
- Peso aos 365 dias:
Machos – 380 Kg.
Fêmeas – 298 Kg.

A idade ao 1º parto é de 870 dias (média de 2.140 observações) e o intervalo médio entre partos é de 374 dias (média de 2.132 observações).

As carcaças de animais abatidos aos 210 dias de vida apresentam um peso médio de 132 Kg e possuem uma conformação de ±15% com R, ± 60% com O e as restantes como P na grelha de classificação EUROP; para a gordura a classificação dominante é 2.

DESENVOLVIMENTO E MELHORAMENTO

O LG dos bovinos de raça Mirandesa foi criado no ano de 1959 tendo sido fundado o Posto Zootécnico de Malhadas para promover a selecção e melhoramento genético desta raça. Em 1993 todas as competências associadas à gestão do LG e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa foram transferidas para a Associação dos Criadores de Bovinos de Raça Mirandesa (ACBRM) fundada a 29 de Setembro de 1989, mantendo desde 1994 uma base de dados informatizada com o LG e RZ. A Associação possui 1.014 associados num universo de 1.340 explorações com bovinos de raça. Os seus objectivos principais são: conservação e melhoramento genético dos bovinos de raça Mirandesa; valorização sócio profissional dos seus criadores; promoção e valorização dos bovinos de raça Mirandesa; e por último a defesa dos interesses dos criadores seus associados.

Com 5.000 vacas em linha pura numa população global de 6.500, as preocupações imediatas para a raça ao nível da selecção e melhoramento genético centram-se na conservação da mesma e na diminuição e/ou manutenção de baixos níveis de consanguinidade. Simultaneamente recolhe-se toda a informação possível tendo por objectivo a caracterização das capacidades produtivas individuais. As características produtivas que os criadores gostariam de melhorar são: o intervalo entre partos das vacas, o peso vivo ao nascimento e desmame dos seus vitelos, assim como a conformação destes animais, já que as suas carcaças são normalmente penalizadas na conformação.

O programa de conservação/melhoramento genético dos bovinos da raça desenvolve-se a dois níveis, nas explorações e em estação. Nas explorações: registo de todas as cobrições e partos das vacas inscritas no LA do LG; inscrição no LN do LG de todos os vitelos cujos pais estejam inscritos no LA; registo do peso ao nascimento dos animais inscritos no LN (sempre que o criador pese e comunique); pesagem dos animais inscritos no LN com a periodicidade de 2 em 2 meses até ao desmame (três pesagens), controlo realizado em 100 explorações. Para inscrição no LA as fêmeas devem possuir idade superior a 16 meses e são classificadas pelo Secretário Técnico do Livro. Só podem ser inscritas no Livro de Adultos, as fêmeas que obtenham uma classificação igual ou superior a 70 pontos, e os machos, que possuírem uma classificação superior à média das classificações das vacas que irão beneficiar.

Em estação a Associação realiza um teste de performance aos machos que se destinem à Inseminação Artificial e aos postos de cobrição. Os critérios de selecção são: o intervalo entre partos da mãe, evolução do peso vivo entre o nascimento e o desmame, desenvolvimento / conformação e características étnicas.

O teste de capacidades produtivas ocorre entre os 270 e os 420 dias de vida com o controlo diário de ingestão de alimentos e o controlo quinzenal do peso vivo; aos 400 dias de vida os animais são mensurados. Por ano a Associação testa em média 60 bezerros dos quais selecciona 3 para a Inseminação Artificial e cerca de trinta para os postos de cobrição. Os restantes consideram-se reprovados no teste de performance e são abatidos.

O programa de melhoramento também contempla o teste de descendência dos animais a utilizar na Inseminação Artificial. Contudo, não tem sido possível realizar este trabalho porque o número de Inseminações Artificiais por touro é muito baixo.

A raça está classificada como uma raça autóctone ameaçada de extinção, pelo que os criadores, que explorem esta raça em linha pura além das ajudas e prémios atribuídos à generalidade das vacas aleitantes, recebem uma ajuda no âmbito das medidas agro ambientais, regulamento (CEE) n.º 2078/92.

A Associação para gerir o LG e RZ recebe ajudas do Estado Português que subvenção o registo de animais no LG, os contrastes de performances válidos e a testagem de reprodutores para Inseminação Artificial.

A ACBRM, tem acesso a um conjunto de acções que visam a satisfação das necessidades dos seus criadores. São disso exemplo: a formação profissional, o acesso à informação, o apoio técnico aos criadores e a promoção da raça. Os criadores suportam financeiramente 46% das despesas da sua Associação através do pagamento de quotas e serviços recebidos.

Anualmente realizam-se seis concursos pecuários dos bovinos de raça mirandesa, nos seis concelhos que integram o solar da raça. Nestes concursos são seleccionados os animais que estarão presentes no concurso nacional que se realiza rotativamente pelos seis concelhos do solar. Os concursos pecuários de raça mirandesa são um óptimo meio de os criadores poderem promover e valorizar os bovinos de raça mirandesa e permitem a todos os observadores terem uma ideia muito precisa da beleza étnica e grau de evolução zootécnico da raça.

Por todo o solar da raça mirandesa realizam-se «Chegas de Touros». Uma tradição ancestral em que os proprietários dos touros de raça mirandesa juntam os seus touros para que lutem entre si. Esta tradição reúne muitos aficionados e constitui uma óptima valorização e promoção para os touros desta raça.

O Estado Português atribuiu por Despacho em D.R. (35/94) uma Denominação de Origem à Carne Mirandesa que posteriormente foi reconhecida pela União Europeia. Só



pode ser utilizada por animais de raça Mirandesa que sejam produzidos nos seis concelhos que constituem o solar da raça e os agricultores que desejem utilizar a marca têm obrigatoriamente que respeitar um caderno de especificações. O Estado Português atribuiu a gestão da DOP Carne Mirandesa a um Agrupamento de Produtores que possui a figura jurídica de uma Cooperativa. Integram o agrupamento de produtores 587 sócios.

A implementação da DOP Carne Mirandesa no mercado tem sido facilitada, obtendo grande receptividade dos principais circuitos comerciais, grande distribuição, talhos e restaurantes. Desde há muitos anos que a carne desta raça é famosa, tendo inclusive, originado uma especialidade que é um dos ex-libris da gastronomia de Trás-os-Montes, a Posta Mirandesa. A atribuição de uma DOP para a carne desta raça, constituiu um marco importante na salvaguarda dos interesses e direitos de produtores e consumidores, porque passou a ser possível garantir a genuinidade do produto.

<i>Localidad</i>	<i>Fecha</i>	<i>Periodicidad</i>	<i>Tipo</i>
<i>Localidade</i>	<i>Data</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Tipo</i>
MOXCHINA			
Guriezo (Cantabria)	15 mayo (San Isidro)	Anual	Feria
ALISTANA-SANABRESA			
Porto de Sanabria	26	Mensual (mayo-octubre, no julio)	Feria
Porto de Sanabria	1º domingo de agosto	Anual	Exposición monográfica
Zamora	29 de junio (San Pedro) últ. sábado	Anual	Exposición de Ganado Autóctono
Lubian	septiembre (La Tuiza) 2.º sábado	Anual	Exposición/Feria
Benavente	septiembre (ferias)	Anual	Exposición
Tábara	septiembre	Anual	Exposición
Salamanca	septiembre (ferias)	Anual	Exposición
MIRANDESA			
<i>Concelho de Bragança</i>			
Bragança	3	Mensual	Feira de gado
Bragança	12	Mensual	Feira de gado
Bragança	21	Mensual	Feira de gado
Chãos	1º domingo de cada mês	Mensual	Feira de gado
<i>Concelho de Macedo de Cavaleiros</i>			
M. de Cavaleiros	6	Mensual	Feira de gado
M. de Cavaleiros	6	Mensual	Feira de gado
Localidad			
Localidade			
Fecha			
Data			
Periodicidad			
Periodicidade			
Tipo			
Tipo			
M. de Cavaleiros	29	Mensual	Feira de gado
<i>Concelho de Vinhais</i>			
Vinhais	9	Mensual	Feira de gado
Vinhais	23	Mensual	Feira de gado
<i>Concelho de Mogadouro</i>			
Mogadouro	2	Mensual	Feira de gado
Mogadouro	16	Mensual	Feira de gado
Mogadouro	15 de Outubro	Anual	Feira de gado
<i>Concelho de Miranda do Douro</i>			
Malhadas	8	Mensual	Feira de gado
Nazo	22	Mensual	Feira de gado
Bragança	21 Agosto	Anual	Concurso pecuário
Vinhais	Data flexível	Anual	Concurso pecuário
Macedo de Cavaleiros	Data flexível	Anual	Concurso pecuário
Mogadouro	16 de Agosto	Anual	Concurso pecuário
Vimioso	10 de Agosto	Anual	Concurso pecuário
Miranda do Douro	24 de Julho	Anual	Concurso pecuário
Zamora	29 de Junho	Anual	Exposição de gado autóctono
BARROSA			
Arcos de Valdevez	Quarta-feira	Quinzenal (alternando com a de Ponte da Barca)	Feria
Boticas	días 10 e 20	Mensual	Feria
Braga	Terça-feira	Semanal	Feria

- CASTEJÓN MARTÍNEZ, R. (1947). Ordenación Zootécnica de la masa pecuaria española para atender a todas las necesidades del país. I Congreso Veterinario de Zootécnica, I, 99-107. Madrid.
- MONTENEGRO LOBATO, F. (1958). La vaca alistana. Facultad de Veterinaria de León, Valladolid.
- ROMERO HERNÁNDEZ, R. (1951). Estudio de las razas vacunas castellanas. II Congreso Internacional de Zootécnica, II, 21-76. Madrid.
- FAELLI, F. (1932). Razas Bovinas, Equinas, Porcinas, Ovinas y Caprinas. Revista Veterinaria de España, Barcelona.
- GARCÍA DORY, M. A.; MARTÍNEZ VICENTE, S.; OROZCO PIÑÁN, F. (1990). Guía de campo de las razas autóctonas de España. Alianza Editorial, S.A., Madrid.
- GARCÍA DORY, M. A. (1980) La utilización de las razas autóctonas en los ecosistemas locales como factor de ahorro energético en la ganadería española. Agricultura y Sociedad, 15 (abril-junio). Publicación del MAPA, Madrid.
- MINISTERIO DE AGRICULTURA (1972). *Mapa Ganadero Nacional. Vacuno y ovino*. Dirección General de la producción Agraria, Madrid.
- SARAZÁ ORTÍZ Y COL. (1975). Ganadería Española. Editorial Nacional, Madrid.

MIRANDESA

- AIRES, A. A. (1920). O Melhoramento do Bovino Mirandês, Tese de Doutoramento, Lisboa, Escola Superior Medicina Veterinaria.
- FERNANDES, A. M. (1919). Bovino Mirandês e sua Exploração. Lisboa, Tipografia J. F. Pinheiro.
- GONÇALVES, D. A. (1990). «O Uso do Solo e a Construção das Paisagens Rurais, O Caso do Interior de Trás-os-Montes», 1^{as} Jornadas Sobre o Mundo Rural, Bragança, IPB.
- LEITÃO, Manuel (1950). «O Gado Bovino Mirandês Estudos Biométrico», *Boletim Pecuário*, n.º 1. DGSP, pp. 50 - 250.
- LEITÃO, M.; FERREIRA, L. dos S.; COSTA, D. A. (1981). Raça Bovina Mirandesa, Inquirido para a sua Caracterização e seu Sistema de Exploração, in Antonino Rodrigues (org.), *Bovinos em Portugal*, Lisboa, DGSV, pp. 81 - 89.
- LIMA, S. B. (1919). «Bovídeos e Suídeos», Escritos de Silvestre Bernarndo de Lima, *Boletim do Ministério de Agricultura*, Direcção de Instrução Agrícola. Ano I, n.º 7, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- MOREIRA, N. (1984). «Os Sistemas de Agricultura do Nordeste», A Agricultura Portuguesa, Vila Real, IUTAD.
- PEREIRA, J. L.; ALMEIDA, O. (1976-1977). Desenvolvimento da Bovinicultura Regional, Desenvolvimento da Bovinicultura e ovinicultura, sub-região interior (Trás-os-Montes), Vila Real, Instituto Politécnico de Vila Real.
- TELES, A.N. (1970). «Os Lameiros de Montanha do Norte de Portugal», Subsídio para a sua Caracterização Fitossociológica e Química, *Separata da Agronomia Lusitana*, Vol. XXXI Tomo I-II, Lisboa, Estação Agronómica Nacional.
- TIERNO J. F. (1904). «O Gado Bovino Mirandês», Dissertação Inaugural no Instituto de Agronomia e Veterinária, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VALLE, J. M. (1907) «Bovídeos Portugueses», Subsideo para o Estudo da Pecuária Nacional, Lisboa.